



## Histórias de Vida: Imagens que se Entrecruzam na Formação do Ser Professora

Sandrelena da Silva Monteiro<sup>1</sup>

### 1. Introdução

Nosso grupo de estudos teve origem em nossas inquietações frente ao fazer pedagógico na sala de aula com crianças da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, ou seja, um fazer pedagógico com crianças de 0 a aproximadamente 10 anos.

Durante as aulas de Psicologia da Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Faced/UFJF), muitas vezes, éramos questionadas pelas alunas quanto à aplicabilidade das teorias estudadas na prática do dia-a-dia na sala de aula com crianças. Não raras vezes, ouvíamos que não viam relação entre uma e outra, já que “na prática, tais teorias não funcionavam”, ou ainda, que “na prática, a teoria é outra”.

Questionamentos como: por que após anos frequentando as aulas de um curso de graduação em Pedagogia, em uma Faculdade de Educação conceituada, inúmeros profissionais voltavam para a sala de aula e continuavam com a mesma prática de antes? O que se percebe é que, não raras vezes, não há uma mudança significativa quanto à prática pedagógica, mesmo tendo permanecido tanto tempo na faculdade, feito trabalhos, participado de congressos, seminários e outros.

Com essas questões em mente, nos propusemos à criação de um grupo de pesquisa que pudessem nos dar subsídios para compreendê-las.

A ideia inicial era de que o grupo fosse formado por professores recém-ingressados da Faculdade de Educação e que se encontrassem em prática de sala de aula. No entanto, nenhum dos profissionais convidados atendeu ao convite. Essa foi a primeira questão que nos levou a refletir. Por que a recusa aos estudos? Será que não acreditavam neles? Falta de tempo? Não tivemos respostas...

### Resumo

Este trabalho apresenta o relato de uma experiência que permitiu refletir sobre as imagens de professores que contribuem para a construção da nossa imagem do ser professora nos dias atuais. A dinâmica de estudo se deu a partir de reuniões semanais que assumiam as características de uma formação-reflexão, dentro de um modelo interativo-reflexivo, oportunizando uma elaboração coletiva de saberes profissionais, a partir da ajuda mútua entre as participantes e do estudo teórico. Percebemos, ainda, a importância da Extensão Universitária na formação de professores, particularmente, ao oportunizar o encontro entre o estudante de Pedagogia e o profissional já “formado” que se encontra na sala de aula participando da construção das imagens de professores de meninos e meninas, as quais deverão ser ressignificadas ao longo de suas vidas.

**Palavras-chave:** formação de professores, imagens de professores, relação teoria-prática.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Educação Especial da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – (NESP/FACED/UFJF) – Juiz de Fora – MG.

Professora do Curso de Pós-Graduação - Especialização – Arte-Educação Infantil – FACED/UFJF – Juiz de Fora – MG.

Professora de Educação Especial do Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert – Campos dos Goytacazes – RJ.

E-mail: sandrelenasilva@yahoo.com.br

Intentávamos compreender tamanhas dificuldades na prática, após anos de estudos, estágios, práticas escolares, por isso, não desistimos. Conversamos com nossos alunos e um grupo de alunas aceitou o desafio. O grupo teve início com a participação de dez alunas-professora: uma aluna-professora do quarto ano do Ensino Fundamental (que em outro horário trabalha no programa de alfabetização de jovens e adultos); uma aluna-professora de projetos de arte e literatura, que atuava junto a crianças de 06 a 08 anos; cinco alunas-professora, bolsistas de extensão e treinamento da Faced/UFJF, que atuavam junto a uma creche cooperativa da periferia da cidade com crianças de 0 a 5 anos; e uma aluna-professora, bolsista, que, no momento, se encontrava atuando como bolsista de extensão em um projeto de Pedagogia Hospitalar junto ao Hospital Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora. Depois, tivemos a adesão de uma outra professora substituta da Faced/UFJF e duas outras professoras que atuavam na Educação Infantil com crianças de 4 a 5 anos. No final, tínhamos um grupo constituído de 12 professoras, com idade entre 18 e 57 anos, sendo dez delas alunas e duas, professoras do curso de Pedagogia da Faced/UFJF.

## 2. *Objetivos construídos*

De início, não sabíamos bem o quê e como estudar. Uma vez que as profissionais ali presentes estavam como alunas e professoras dentro de uma Faculdade de Educação, para que mais um grupo de estudos, além das disciplinas cursadas, faria sentido? Tínhamos apenas a certeza de que algo ainda faltava, de que anos de estudos e séculos de teorias construídas pelo conhecimento humano não poderiam ser em vão; simplesmente jogados fora diante da nova humanidade em que nos encontrávamos.

Não tínhamos nenhum objetivo estabelecido além da necessidade de compreensão das angústias que nos assolavam na prática pedagógica diária.

Decidimos, então, que um bom ponto de partida seria a tentativa de compreensão do que é ser professora nos dias atuais. Esse se tornou, então, nosso primeiro objetivo: apreender a(s) imagem(s) que tínhamos do ser professora e compreender como essas se constituíram.

## 3. *Metodologia*

A dinâmica de estudo se dava a partir de reuniões semanais, que assumiam as características de uma formação-reflexão, dentro de um modelo interativo-reflexivo, como propõe Chantraine Demailly (1997), havia, portanto, uma elaboração coletiva de saberes profissionais a partir da ajuda mútua entre as participantes, cada uma trazendo para enriquecimento dos estudos questões vivenciadas em seu dia-a-dia profissional, que muito nos ajudava a apreender a teoria, a qual, por sua vez, nos ajuda a compreendê-las.

## 4. *A busca da compreensão do que é ser professora*

Começamos por buscar compreender o que é ser professora no contexto atual; questionar nossa identidade de professoras: quais máscaras usávamos, como nos posicionávamos em sala, como era nosso olhar para as crianças e, principalmente, qual a imagem que estávamos construindo e ajudando a construir do ser professora? Lembramos, então, das questões que se organizam em estudos históricos sobre a constituição do ser professor(a), da identidade desse profissional da educação.

Pereira e Martins (2002, p. 131) nos ajudaram a compreender que “a identidade do profissional docente é construída no cotidiano, a partir dos pressupostos de exercer sua atividade”; uma identidade que se constitui a partir dos desafios encontrados e superados no exercício da profissão. Dessa forma, não se constitui somente a partir da formação acadêmica, mas ao longo da nossa vida como estudantes e profissionais.

Percebemos, então, que nossas práticas em sala de aula tinham como alicerce nossas concepções; que nenhuma de nossas ações era “inocente” ou destituída de valores, os quais eram revelados e sofridos por nossos alunos.

A partir de então, começamos a perceber que muitas das nossas dificuldades se davam pelo não conhecimento do que é ser professor(a). Talvez uma falha no nosso curso de formação? Não encontramos aí tal discussão. Qual o espaço reservado para que possamos pensar no que é ser

professor? Percebemos que, durante o curso de Pedagogia, ficamos tão atarefados com os textos a serem lidos, os trabalhos a serem concluídos, os prazos a serem atendidos que não temos tempo para pensar, para simplesmente refletir o que significa estar em um curso de Pedagogia, o que significa estarmos nos tornando pedagogos e, possivelmente, professoras. Por outro lado, na prática pedagógica diária, quando nos encontramos na função de professoras, também temos o prazo a atender, o currículo a ser vencido, os conteúdos e trabalhos a serem dados, as “contas a serem prestadas”, as estatísticas que nos perturbam, que mal temos tempo para olhar para nós mesmos, para o nosso fazer pedagógico, para a nossa constituição enquanto professoras. Não temos nos dado conta do que é ser professora – profissional da educação. Isso faz com que, muitas vezes, seja muito mais rápido, fácil e menos doloroso encontrar um culpado para o não cumprimento do programa, para os números negativos na estatística. O culpado? Nosso aluno.

E quem é o nosso aluno? Também não temos tempo para conhecê-lo. O relógio não para e são tantas as atribuições que não nos resta tempo para tal. Temos aulas a preparar, provas e trabalhos a corrigir e o tempo é muito curto, enfim, também não sabemos o que significa ser aluno, o que significa ser nosso aluno.

Sentimos, então, a necessidade – agora mais como professoras da Educação Básica do que como alunas e professoras do curso de Pedagogia – de conhecer quem é esse nosso aluno que tanto nos intriga, que testa nossos conhecimentos, que desestabiliza nossas instituições... Parafraseando Larrosa (1998), esses seres estranhos sobre os quais nada sabemos, apenas têm sede de aprender e nós, de ensinar. Mas, aprender o quê? Ensinar o quê?

Por outro lado, quando assim nos posicionamos, falando de alguém que ensina e outro que aprende, não estamos caindo em uma grande cilada? As tendências atuais da educação dizem que a prática pedagógica, para ser eficiente, precisa ser: dialógica, reconhecer o educando, enquanto um sujeito sócio-histórico que é construtor do conhecimento, que se constitui na história da humanidade e que também é constituinte dessa. Então, por que essa preocupação com que ele aprenda e nós ensinemos? Será que não deveríamos estar pensando e falando aqui em construção coletiva

do conhecimento? Mas, em que implica tal construção na prática pedagógica diária com crianças?

Percebemos, então, que já não éramos mais um grupo sem rumos ou objetivos, mas tínhamos algo a conhecer: a nós mesmos, enquanto professores e a nossos alunos e alunas.

Em paralelo ao estudo dos autores escolhidos, iniciamos uma dinâmica que denominamos “sanfona da vida”. Tínhamos como objetivo buscar qual ou quais as imagens de professores(as) e fatos marcaram nossa história de vida escolar e contribuíram para a formação da imagem de professores que tínhamos naquele momento. Tal fato tornou-se importante, já que, compreendíamos que só poderíamos mudar algo se o conhecêssemos. Precisávamos ter conhecimento e consciência das imagens de professores que tínhamos e que contribuíam para a nossa auto-imagem enquanto professores, para que, então, pudéssemos propor qualquer mudança.

A cada dia, no primeiro momento da reunião, relatávamos, em um papel dobrado em forma de uma sanfona, fatos que nos marcaram ao longo da nossa vida escolar. No primeiro dia, escrevemos quais eram as nossas perspectivas para o futuro, no segundo, fatos que tivessem marcado o período da graduação, no terceiro, fatos do ensino médio e assim por diante até chegarmos à educação infantil. Finalmente, no último dia, escrevemos nossa visão da educação nos dias atuais.

Escrevíamos a cada semana sem retermos o que havíamos escrito na semana anterior. A cada dia, era interessante perceber nos rostos de cada uma os olhares perdidos no tempo, os suspiros profundos, o “nó na garganta” que eram provocados por lembranças que, muitas vezes, gostaríamos que fossem esquecidas. Não conversávamos sobre o que havíamos escrito, a intenção era que cada uma de nós fosse reconstituindo seu caminho até aquele grupo de estudos. Que caminhos haviam nos levado ali? Mas os olhares falavam, as lágrimas que discretamente escorriam dos olhos não podiam negar: estávamos mexendo em algo profundo. Estaríamos atingindo nosso objetivo: buscar uma compreensão da nossa identidade de professoras? Que vivências contribuíram para a construção das imagens de professores e professoras que já tínhamos em nós? Que identidades de professores e professoras estávamos (re)construindo? E, então, no silêncio que, após alguns minutos, era inter-

rompido pelas palavras, ficávamos a pensar quais segredos escondiam aquelas sanfoninhas? Todas tínhamos curiosidade, mas ninguém se atrevia a quebrar a “magia do momento”.

Aqui, colocamos no centro da reflexão nossas imagens, nossas lembranças, as significações que fazemos dessas lembranças. Trabalhamos aqui com a história de vida de cada uma de nós, professoras. Aqui a palavra era nossa, a nossa história, o nosso olhar, a nossa voz (MOITA, 1995).

Esse registro escrito da história de vida de cada profissional possibilitou-nos voltar às primeiras experiências relacionadas à escolarização, às imagens de professores e professoras, do ser professora que viemos construindo ao longo da nossa vida e, que certamente, implica nas formas de significação do ser professora hoje. Horn *et al* (2000) nos ajudaram a compreender como essas imagens vão se formando e se consolidando, ao esclarecer que as experiências são registradas como percepções pessoais da realidade, às quais temos acesso, ora de forma mais direta, ora de forma menos direta. “São percepções que adquirem sentidos próprios do universo cultural e de interesses particulares do indivíduo” (p.28). Essas percepções sofrem “transformações sucessivas, à medida que a elas se acrescentam novas vivências que lhes atribuem outros sentidos” (p. 28).

Ao buscar nos arquivos da memória essas experiências para serem registradas na “sanfoninha”, o fazíamos com as imagens e concepções que temos hoje do que é ser professor(a). Dessa forma, ao mesmo tempo em que registrávamos, analisávamos, refletíamos e vivenciávamos conflitos, angústias e novas significações. Começávamos a entender que, como afirma Bosi (1994, p. 39), “as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma tarefa, uma paciente reconstituição”, um trabalho, nem sempre tranquilo, de reconstruir uma imagem com os materiais que temos, no momento, à nossa disposição.

Após oito semanas de trabalho, em que as palavras articuladas davam lugar a suspiros e ao movimento da caneta sobre o papel, ao “fungar do nariz” e ao secar discreto das lágrimas, finalmente, o dia da revelação: cada uma de nós havíamos “passado a limpo” nossas lembranças da vida escolar e, finalmente, as revelaríamos ao grupo. Num primeiro momento, ansiedade, até que alguém se propôs a falar.

Uma das participantes, a quem chamaremos de Glória, com idade acima de cinquenta anos, disse-nos que não foi capaz de passar a limpo o que já havia escrito, nem ao menos leria o que escrevera, porque achava que sua vida de aluna estava muito distante. Seria mais fácil, ao invés de falar da vida escolar dela, falar da sua atuação enquanto professora. Disse-nos que começou a escrever, mas se deu conta de que não era realmente aquilo a verdade, a verdade real, de sentimento; estava cometendo apenas um ato mecânico de escrita e não fazendo um relato real. O que mais nos chamou a atenção foi o tom emocional impresso nas palavras; não estava sendo fácil para ela dizer aquilo. Não foi fácil para ela fazer um retorno à sua vida escolar, era necessário que tais acontecimentos ainda fossem ressignificados pelo silêncio. Respeitamos o depoimento de nossa colega. Respeitamos seu suposto silêncio, que muito significava. Mas não conseguimos, no entanto, refrear os sentidos que para nós se fazia, as indagações que brotavam de nossos olhares, em nossos pensamentos e, de uma certa forma, comunicávamos também: que acontecimentos teriam provocado tal comportamento? Que vivências precisavam ser silenciadas pela angústia da voz que se cala? Que sentidos da educação precisavam permanecer adormecidos? Que imagens de professores e professoras permaneciam na sombra do olhar inquieto, do gesticular das mãos? Tais questionamentos ficaram apenas em nossos pensamentos e olhares, uma vez que nos recusávamos a quebrar o “encanto do momento”.

Ao entrelaçarmos nossas lembranças e tentarmos uma compreensão das imagens de professores e professoras presentes em tais relatos, pudemos perceber que elas se faziam em dois grandes grupos que se revelavam em *imagens positivas* e *imagens negativas*.

No grupo que intitulamos de *imagens negativas* do ser professor(a), se encontram lembranças de professores e professoras que, ao longo da nossa vida escolar, foram descritos como: *professor carasco, na verdade frustrado...* Professora violenta: *deu uma “reguada” em mim...; derrubou um prato de sopa quente no rosto de um menino só porque ele não queria comer a sopa que pegou...; Uma professora me puxou com muita força pelo braço, uma atitude que ela tinha com todos os alunos.* Professor que não permite o caminhar sozinho dos alunos e alunas:

... ele estava interferindo na apresentação do trabalho, comentando algo que iríamos falar adiante. O professor(a) que exerce uma violência psicológica: ... eu tinha incontinência urinária [...] A professora sabia desse problema, mas, mesmo assim, me proibia de ir ao banheiro; eu fazia de perna a baixo dentro da sala e começava a chorar. No dia seguinte, não queria nem voltar à escola...; Sempre fui muito gordinha, durante o ensino fundamental, sofri muito com isso, tive uma professora muito nervosa [...] também muito gordinha, mas notava que ela não gostava de mim, sempre fazia piadinhas do tipo: que moleza, tinha que ser...; Meu professor era rígido demais e sua voz era tão alta que todos tinham medo...; ... diante da minha dificuldade de compreensão [...] me disse 'não tenho culpa se você é burra'. Professora que não reconhece ou respeita o desenvolvimento do seu aluno: No primeiro dia, a professora mandou encher uma folha de bolinha e pauzinhos [...] Fiquei muito triste e decepcionada [...], pois no outro dia ninguém conseguia vestir a roupa em mim [...] achei tão ruim que não queria voltar. Um grito que a professora deu comigo, porque eu não conseguia pegar direito no lápis.

Houve, ainda, as imagens que foram apagadas ou simplesmente silenciadas. Mesmo sabendo que nosso objetivo era registrar as imagens de professores que foram se constituindo em nossa vida escolar, em muitos momentos, optamos por registrar nossas convivências com os colegas ou, simplesmente, o espaço físico da escola. Por que não nos detivemos nas imagens dos professores e professoras? Seriam elas menos significativas? Ou há aí o desejo de silenciá-las, de que elas não fossem tal qual foram?

Mas nem todas as imagens registradas foram negativas. Houve também aquelas que denominamos de *imagens positivas*, os possíveis modelos a serem seguidos em nossa prática pedagógica. Foram professores que marcaram pela relação que estabeleceram com os alunos e alunas. Imagens que se revelam nos fragmentos: [...] *buscou conhecer um pouco de cada um dos alunos, não se limitando apenas a perguntar nome e por qual motivo escolhemos o curso de Pedagogia [...]; [...]* a facilidade e a paciência ao passar a matéria... *passou-me a imagem de superação, apesar das dificuldades*. A imagem do professor(a) que permite ao aluno(a) a (re)construção do conhecimento: [...] *redescobri a roda várias vezes e ela sempre sorria diante das minhas descobertas [...]* A imagem do professor(a) *atenciosa, carinhosa,*

*alegre, comunicativa, 'exigente, mas ótima'*, que sempre incentiva o aluno(a) a (re)construir o conhecimento a partir do seu mundo. Não está aí a configuração do processo ensino-aprendizagem numa dimensão dialético-dialógica?

A partir dessas reflexões, nos restava, então, saber o que talvez se configurasse, naquele momento, como o mais importante; qual a imagem que temos internalizada, hoje, do ser professora e que, de uma certa forma, temos como imagem a nos constituir, num sentido de ruptura com o que vivenciamos ou de modelo a se seguir. Não nos inquietamos em desenhar uma caricatura, já que compreendemos a formação como uma ação constante de construção própria e, nessa construção, se entrelaçam várias imagens, vários sentidos.

## 5. Algumas considerações finais

Este trabalho nos permitiu refletir sobre a importância da Extensão Universitária na formação de professores, particularmente, ao oportunizar o encontro entre o estudante de pedagogia e o profissional já "formado" que está na sala de aula participando da construção das imagens de professor ou professora de muitos meninos e meninas, as quais deverão ser constituídas e reconstituídas ao longo de suas vidas.

Gostaríamos de destacar algumas outras conclusões a que chegamos: percebemos que nossas falas revelaram uma certa ansiedade em dizer que, hoje, enquanto professoras, buscamos romper com os processos estigmatizantes a que fomos submetidas durante nossa vida escolar, tornando a escola um espaço mais agradável, motivador e tranquilo de se viver.

Revelaram também a concepção do espaço escolar como importante ponto de partida para a desconstrução dos padrões de normalidade/ anormalidade, belo/ feio e sucesso/ fracasso, construídos nas práticas tradicionais de educação e que vêm se arrastando na formação de seres humanos que mal se reconhecem enquanto tal.

## Referências Bibliográficas:

- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3.ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.
- CHANTRAINE-DEMAILLY, Lise. Modelos de formação contínua e estratégias de mudança. In: *NÓVOA, António. Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1997, p. 139-58.

HORN, Carla Cárin et al. Passo a Passo: caminhos percorridos pela pesquisa. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (org.). *Imagens de Professor: Significações do trabalho docente*. Injuí: Ed. UNIJUÍ, 2000. p. 25-36.

LARROSA. Jorge; LARA, Nuria Pérez de. *Imagens do outro*. Petrópolis: Vozes, 1998

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, A. (org). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, 1995. p. 111-40.

PEREIRA, Liliana Patrícia Lemos Sepúlveda; MARTINS, Zildete Inácio de Oliveira. A identidade e a crise do profissional docente. In: BRZEZINSKI, Iria. *Profissão professor: identidade e profissionalização docente*. Brasília: Plano, 2002, p. 113-31.

### **Abstract**

This work presents a report of an experience which aims at reflecting about teachers who contribute to build the image of being a teacher nowadays. The studies started from weekly meetings which took characteristics of a reflexion-formation, inside an interactive-reflective model which enabled the building of collective professional knowledge from the mutual cooperation between the participants and the theoretical studies. We also realized the importance of the Post Graduation Courses in teaching formation, specially as it brings opportunities to join the Pedagogy student and the graduated professional who is in the classroom participating of construction of the teacher's image in the students' minds.

**Keywords:** teaching formation, teacher's image, theory-practice relationship.